



CAPACITAÇÃO TÉCNICO-VIVENCIAL PARA A INDÚSTRIA CRIATIVA COMPLEXA: POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO E CAPACITAÇÃO DE EMPREENDEDORES DA ECONOMIA CRIATIVA POTENCIALIZANDO A INOVAÇÃO SOCIAL NO DF.

MARCOS AURÉLIO DUARTE DA CÂMARA FERNANDES¹
CLARISSA RAQUEL MOTTER DALA SENTA²

RESUMO

O presente artigo traz à tona uma necessidade latente dos empresários da Economia Criativa do DF, que relatam a dificuldade de encontrar mão de obra qualificada e diversa dentro do círculo da indústria criativa complexa da cidade. Em contrapartida, o DF evidencia um alto número de empresas desse círculo, sendo ele composto pelo maior número de agentes, segundo a pesquisa do “Panorama da Economia Criativa”. Por tratar-se, do maior grupo de vínculos ativos ligado à Economia Criativa, acaba por ter uma mão de obra muito diversa, mas que não atende por completo e com qualidade as atividades criativas dos círculos centrais. Frente a esse problema, surge a pergunta: Como capacitar os empreendedores de audiovisual da Indústria Criativa Complexa associando capacitação técnica e vivências práticas formando profissionais mais completos para as áreas das indústrias criativas do DF? Nesse contexto, evidencia-se a importância da promoção da inclusão socioprofissional desse vasto número de empreendedores da Indústria Criativa Complexa do DF por meio da capacitação técnico-vivencial. Surge então a oportunidade de realizar um estudo aprofundado do estado da arte do design instrucional aliado à capacitação executiva para evidenciar caminhos que podem ser formatados para o atendimento dessa demanda.

PALAVRAS-CHAVE: Economia Criativa. Indústria Criativa Complexa. Empreendedorismo. Capacitação Técnico-vivencial. Design Instrucional.

¹ Mestrando do curso de Inovação em Comunicação e Economia Criativa da Universidade Católica, graduado em Relações Públicas e Comunicação Institucional, Especialista em Comunicação Organizacional. Atua como professor e consultor de Relações Públicas e Comunicação Corporativa nas áreas de Planejamento estratégico de Comunicação, Relacionamento nas Empresas e Educação Corporativa. marcos.fernandes@df.senac.br

² Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília, com estágio doutoral em Université Paris-Sorbonne/CRIMIC. Pós-doutora em Comunicação e Economia Criativa pela Universidade Católica de Brasília. Atua como professora e pesquisadora nas seguintes áreas: narrativas audiovisuais; mídias digitais e mobilização social; estudos de gêneros, sexualidades e diversidade na Comunicação. clarissa.senta@p.ucb.df

INTRODUÇÃO

Instituições de ensino do DF, como Senac-DF, anualmente capacitam milhares de profissionais que chegam ao mercado com bom conhecimento técnico, restringindo-se ao que foi ensinado nos cursos ofertados, e quase nenhuma experiência vivencial de mercado, limitando as oportunidades e ampliando a insegurança desse público que não se sente capaz de apoiar na totalidade as empresas que contratam seus serviços. Os Empreendedores da Indústria Criativa Complexa buscam profissionais mais bem capacitados para atuar em suas empresas e encaram uma certa dificuldade de encontrar profissionais competentes qualitativamente para atuar em suas empresas. Frente a esse problema, surge a pergunta: Como capacitar os empreendedores de audiovisual da Indústria Criativa Complexa associando capacitação técnica e vivências práticas formando profissionais mais completos para as áreas das indústrias criativas do DF?

Nesse contexto, evidencia-se a importância da promoção da inclusão socioprofissional desse vasto número de empreendedores da Indústria Criativa Complexa do DF por meio de uma capacitação que resulte em competências técnico-vivenciais. Surge então a oportunidade de realizar um estudo aprofundado dos principais temas que envolvem esse problema, na busca de evidenciar suas convergências, bem como preparar o campo para pesquisas futuras que tragam à tona boas práticas pedagógicas para alcançar melhores resultados que auxiliem na formação dos profissionais e empreendedores da indústria criativa complexa da Economia Criativa, tais como os de Audiovisual.

Para esse estudo, metodologicamente foi realizado um estudo exploratório dos fundamentos teóricos disponíveis e que cruzam com a proposta do estudo, partindo da Economia Criativa, passando pelo Empreendedorismo e Inovação, chegando a Treinamento, Desenvolvimento e Educação, com foco na Formação por Competência e o Design Instrucional.

1. ECONOMIA CRIATIVA E INDÚSTRIA CRIATIVA COMPLEXA

A Economia Criativa no DF ganhou recentemente um estudo completo e bastante esclarecedor, resultado da pesquisa “Panorama da Economia Criativa”, conduzida por pesquisadores da Universidade Católica de Brasília.

Esse estudo, além de trazer um conceito de Economia Criativa mais adequado à realidade, trouxe também uma proposta inovadora. Segundo o estudo, Economia Criativa refere-se:

[...] as atividades e relações econômicas que envolvem a geração de bens culturais, artísticos e inovadores (tecnológicos e científicos) resultantes da criatividade, ou seja, aquelas atividades que utilizam a criatividade, o capital intelectual e a inovação (bens passíveis de proteção, por meio de proteção intelectual) como insumo produtivo, capaz de gerar empregos, renda e produção de bens e serviço (KIELING, DRAVET, MARQUES, 2023, p. 12).

Quanto a proposta inovadora, o estudo identificou os domínios criativos e propôs uma subcategorização desses domínios como um processo circular e gradual que se expande, aumentando a complexidade do centro para as extremidades. As ocupações criativas e os processos criativos foram incluídos em cada domínio criativo correspondente, chegando uma estrutura com 4 círculos dinâmicos: C1 – Atividades criativas primárias; C2 – Indústrias Culturais; C3 – Indústrias Criativas Complexas; e C4 – Atividades Criativas Relacionadas. Quanto mais próximo do centro, mais as atividades estão conectadas à arte e à cultura. Em contrapartida, ao se distanciar do núcleo, aumenta a complexidade e necessidade de profissionais de outras esferas para auxiliar.

O primeiro círculo traz as atividades de alto teor artístico, o segundo as de teor artístico e cultural, o terceiro as de teor artístico e cultural com envolvimento de outras indústrias, e o quarto círculo as atividades relacionadas, que podem ser ou não criativas, dando suporte para a realização das atividades dos demais círculos.

O presente estudo traz à tona uma necessidade latente dos empresários da Economia Criativa do DF, que relatam a dificuldade de encontrar mão de obra qualificada e diversa dentro do círculo da indústria

criativa complexa da cidade. Em contrapartida, o DF evidencia um alto número de empresas desse círculo, sendo ele composto pelo maior número de agentes, segundo a pesquisa do “Panorama”. O relatório afirma ainda que a Indústria Criativa Complexa se refere as “atividades que necessitam de um grau maior de recursos e mediações em todos seus processos, desde a criação até a distribuição” (KIELING, DRAVET, MARQUES, 2022, p. 157). Por tratar-se, do maior grupo de vínculos ativos ligado à Economia Criativa, acaba por ter uma mão de obra muito diversa, mas que não atende por completo e com qualidade as atividades criativas dos círculos centrais. Sendo a própria área da educação uma das áreas desse círculo, em conjunto com a pesquisa.

A oferta de empreendedores dessa Indústria é alta, mas a qualidade dos serviços e capacitação técnica é baixa, evidenciando a necessidade de capacitação executiva que alie a vivência prática com a conhecimento técnico. Para prosseguir, é importante entender esse universo dos empreendedores que, perpassa pelo conceito de empreendedorismo, bem como sua conexão com à inovação, trazendo à tona também o conceito de inovação social.

2. EMPREENDEDORISMO, INOVAÇÃO E INOVAÇÃO SOCIAL

Para prosseguirmos, é importante alinhar o que se há conceitualmente sobre esses profissionais que assumem as rédeas de seus negócios, assumindo também a responsabilidade pela sua formação e consequente competência para exercer suas funções e habilidades. Podemos partir do ponto de vista de um dos autores sobre o tema mais antigos, Joseph Schumpeter. Segundo o autor, citado por Lorusso (2023, p. 39-40) em seu livro ‘Emprecariado – Todo mundo é empreendedor. Ninguém está salvo’, “o que caracteriza o empreendedor é a sua mentalidade, a coragem de encarar o risco sem medo e consequentemente seu talento de “ascender acima da multidão”, exercendo influência política, social e cultural”. Lorusso traz também a visão de um outro autor famoso, Jeffrey Timmons que afirma que

Empreendedores de sucesso partilham atitudes e comportamentos comuns. Trabalham arduamente e são movidos por um compromisso intenso e uma perseverança determinada; eles veem o copo meio cheio, em vez de meio vazio; eles perseguem a integridade; seu fervor é o desejo competitivo de se destacar e vencer; estão insatisfeitos com o status quo e buscam oportunidades para melhorar

Universidade Católica de Brasília

Mestrado Profissional Inovação em Comunicação e Economia Criativa

quase todas as situações que encontram; eles usam o fracasso como ferramenta de aprendizado e renunciam perfeição em favor da eficácia; e eles acreditam que eles mesmos podem fazer uma enorme diferença no resultado de seus empreendimentos e de suas vidas (2023, p. 45).

Do ponto de vista de autores mais antigos, o Empreendedor é quase que um super-herói. Autores mais modernos, possuem visões mais realistas, principalmente no cruzamento do empreendedor com o tema da inovação

O empreendedor é uma pessoa que empenha toda sua energia na inovação e no crescimento, manifestando-se de diversas maneiras: criando sua empresa, desenvolvendo alguma coisa nova em uma empresa pré-existente, ou ainda, dedicando suas atividades ao empreendedorismo social (GUERRA; GRAZZIOTIN, 2010 p. 69. In: CARDIM; RODRIGUES, 2019 p. 48).

Aqui começamos a perceber o empreendedor um personagem que precisa investir sua energia para alcançar os resultados esperados. Houve no passado uma visão romântica do empreendedor, não dando tanta evidência para as dores e dificuldades pelas quais passam uma pessoa que decide abrir o próprio negócio na atualidade. Nem todo empreendedor é administrador e nem todo administrador é empreendedor. Evidenciando que os números apresentados pelos diversos relatórios mundiais sobre empreendedorismo não mentem. A maioria dos empreendimentos criados anualmente, deixam de existir em menos de um ano. Dessa forma, fica claro que o empreendedor quando cria seu negócio está realizando isso muito mais pela vontade de atuar naquilo que ama e sabe fazer, mas é impactado pelas dificuldades administrativas e de gestão que o Empreendedorismo acaba por impor.

Para Lorusso, “Empreendedorismo é uma atividade profundamente criativa, se não mesmo artística que existe paixão, empenho e motivação” (2023, p. 44). Muitos empreendedores se perdem na busca de manter a gestão dos negócios e acabam por não serem nem bons empreendedores nem bons no ofício que se comprometem a realizar, acabam por ser profissionais com baixa qualificação. Isso gera um círculo vicioso em que o profissional não se capacita adequadamente, portanto não consegue demandas de serviços, tendo dificuldades de manter o seu negócio que não gera recursos o que o impede de investir em sua capacitação.

Frente a essa realidade, surge ainda a questão empreendedores que buscam incessantemente criar o próximo iPod, em termos de inovação para que seu negócio obtenha de fato sucesso.

É comum confundir o termo inovação com o termo invenção. Segundo Abraham e Bonacorci a “invenção está associada a pioneirismo e se caracteriza como a primeira ocorrência de uma ideia de um novo produto ou processo. (...) Se um produto foi criado, até mesmo patenteado, significa que houve uma invenção” (2011, p. 18). Os autores afirmam que “inovação é a aplicação prática de uma invenção, seja com objetivo social ou financeiro” (2011, p. 18).

Termina que essa busca por inovar comercialmente, acaba por deixar de lado o empenho em produzir inovações sociais ou atuar com responsabilidade social das empresas, mas abre também espaço para que as instituições de ensino possam atuar na qualificação da capacitação desses empreendedores, caracterizando essa ação em uma possibilidade de inovação social, tendo em vista que seu conceito, segundo Murray et al são “novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam relações ou colaborações sociais. Em outras palavras, são inovações que, ao mesmo tempo, são boas para a sociedade e aumentam a capacidade da sociedade de agir” (In PATIAS, 2021, p. 5).

Dessa forma, quando uma instituição de ensino cria cursos e capacitações de forma a permitir uma formação adequada e qualificadora, a preços justos e com conteúdos conectados ao que o mercado demanda, está por atuar de certa forma no campo da inovação social. A capacitação profissional busca desenvolver e dar autonomia ao profissional.

3. TREINAMENTO, DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO

Não se pode falar das dificuldades de um empreendedor conseguir o seu lugar ao sol no mercado, sem trazer à tona o assunto ligado ao acesso à capacitação de qualidade. A maior parte dos empreendedores nascem da necessidade e não da oportunidade. Muitos iniciam seus negócios em meio a um surpreso desemprego, ou pela dificuldade de encontrar uma ocupação.

O perfil desse público de recém-empresendedores é em sua maioria periférica, negra, pobre e não teve acesso a educação de qualidade em sua vida. A autora bell hooks traz uma esperança ao fomentar uma educação para todos, partindo do ponto de vista que afirma que

Professores dotados de visão democrática sobre a educação assumem que esse aprendizado nunca está confinado apenas à sala de aula institucionalizada. Em vez de incorporar a falsa concepção de que a universidade não é o “mundo real” e ensinar de acordo com isso, o educador democrático liberta-se da falsa ideia da universidade corporativa como ambiente à parte da vida real e procura repensar o ensino como elemento permanente da experiência de mundo e da vida real. Quando incorporamos o conceito de educação democrática, passamos a enxergar ensino e aprendizagem como constantes. Compartilhamos o conhecimento obtido em salas de aula para além daquele espaço, trabalhando, portanto, para desafiar a concepção de que certas formas de saber são sempre e somente acessíveis à elite. (2021, p. 62)

Esse tipo de educação, acessível e democrática, é que permitirá que empresenedores de todas as classes, cores e limitações possam se sentir pertencentes e capacitados para adentrar ao mundo dos negócios, com segurança e empoderamento social.

Segundo Canabrava e Vieira, “o Treinamento e desenvolvimento de pessoas são instrumentos de alavancagem de desenvolvimento de competências, dos desempenhos e resultados que as organizações precisam para se manter e obter sucesso no mercado” (2014, p. 25). Essas competências são fundamentais para o desenvolvimento do profissional. “A proposta de formação por competências defende a passagem de um ensino centrado nos saberes disciplinares a um ensino que produza competências verificáveis em situações e tarefas específicas” (TANGUY, 2003).

Uma formação voltada para o desenvolvimento de competências aliando a capacitação técnica com a capacitação vivencial, permitindo que os alunos de diferentes níveis cognitivos e de saberes distintos possam alcançar o aprendizado e consequente formação de qualidade.

A aprendizagem deve ser avaliada de acordo com as competências próprias de cada estágio de desenvolvimento, pois os mesmos revelam as características que possibilitam o aprendizado dos alunos e ainda uma explicação dos mecanismos e dos processos que interferem na aquisição de conhecimentos novos. Nesse aspecto, é importante que o educador conheça o nível cognitivo dos seus alunos e suas propriedades, seu processo, antes de realizar suas atividades

Universidade Católica de Brasília

Mestrado Profissional Inovação em Comunicação e Economia Criativa

educativas. A educação escolar pode, portanto, estimular e favorecer a construção das estruturas em desenvolvimento, relativas ao período em que o indivíduo se encontra em sua escolarização, para que haja progressos rumo aos sucessivos estágios. (PILETTI, 2013, p. 80)

Um dos mais relevantes princípios da aprendizagem, segundo Canabrava, é aplicação prática, em que “o aluno aprenderá realizando descobertas pessoais, favorecendo o intercambio de ideias. A aprendizagem é uma experiência pessoal onde é desenvolvida a capacidade crítica, a experiência teórico-prática, a capacidade de observação e experimentação” (2014, p. 41).

Essa aplicação prática diretamente ligada ao formato que a formação é ofertada, em especial, com vistas a permitir o desenvolvimento de competências técnico-vivenciais, sendo importante estar atento ao seu desenho e construção, bem como o processo criativo que podem contribuir sobremaneira para ampliar o desenvolvimento dos públicos interessados.

4. APRENDIZADO POR COMPETÊNCIAS

O conceito de competência vem evoluindo nas últimas décadas. Pensado inicialmente na década de 1970, o conceito mesclava os conhecimentos das áreas de Psicologia e Administração na busca de definir melhor os aspectos ligados a um desempenho superior na realização de uma tarefa, distinguindo dos conceitos já conhecidos de aptidão, habilidade e conhecimento, que acabaram por estarem presente nessa nova conceituação.

Mertens apud Ramos (2006, p. 174), relaciona o surgimento do modelo de competências “com as transformações produtivas que são impulsionadas pelas necessidades de novas estratégias competitivas, incluindo a inovação em tecnologia, a gestão de recursos humanos e a mudança de perspectivas dos atores da produção”. Sobre a competitividade das empresas, o autor lista dois movimentos importantes: enfatizar as competências-chave da organização e aproveitar todas as competências dos trabalhadores.

Surge daí a necessidade de adequar as formas de aprendizado para oferecer na formação e capacitação dos profissionais uma qualificação focada na “lógica das competências individuais, valorizando os atributos pessoais e

criando a necessidade de adequar a educação escolar aos novos propósitos da aprendizagem e aos contextos que ela está inserida” (SENAC, 2022, p. 8).

Dos anos 80 para os 90, o conceito foi se fortalecendo passando a agregar o significado de “domínio das formas adequadas de agir, representando o saber-fazer” (SENAC, 2022, p. 8). Nesse momento, se intensificam as discussões a respeito do papel da educação profissional na formação para o desenvolvimento de competências.

Vista como práxis, o movimento para o desenvolvimento da competência é esse que parte da ação para, depois de uma reflexão sobre ela, a ela retornar de uma nova forma. Além de nova, a ação que finaliza o processo sempre deve levar a uma transformação efetiva, tanto nas condições objetivas de vida e trabalho como na capacidade de o trabalhador produzir essa transformação. Esse movimento de ação-reflexão-ação, incidindo sobre capacidades humanas complexas, tende a exigir e implicar um desenvolvimento humano integral. Essa dinâmica entre o domínio técnico do trabalho e o desenvolvimento humano integral é reforçada na visão da competência como práxis. (SENAC, 2022, p. 10)

Em 2021, foi publicada a RESOLUÇÃO CNE/CP No 1, de 5 de janeiro de 2021, do Ministério da Educação que trouxe o conceito de competência como sendo “a capacidade pessoal de mobilizar, articular, integrar e colocar em ação conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e emoções que permitam responder intencionalmente, com suficiente autonomia intelectual e consciência crítica, aos desafios do mundo do trabalho.” (MEC, 2021)

Na busca de se adequar a essa realidade, em 2022, o Senac, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, construiu um documento técnico sobre competências para seu modelo pedagógico, em que propôs uma definição de competência para seu trabalho de formação e capacitação profissional: “Ação /fazer profissional observável, potencialmente criativo, que articula conhecimentos, habilidades, atitudes e valores e permite desenvolvimento contínuo” (SENAC, 2022, p. 12).

Nesse documento, o SENAC complementa que uma competência para ser considerada, precisa ser composta das seguintes condições: ser observável; ser potencialmente criativa; articular conhecimentos, habilidades, atitudes e valores; e permitir desenvolvimento contínuo (SENAC, 2022, p. 12-15).

Para aplicar esse conceito de competência tornando a prática pedagógica factível e obtendo os resultados esperados, auxiliando a formação do profissional, os docentes precisam construir seus conteúdos e planos de ensino tendo por base as competências necessárias para a aprendizagem da formação proposta, capacitando o profissional tecnicamente. O design instrucional pode contribuir para produzir conteúdos que atendam esse fim.

5. DESIGN INSTRUCIONAL

A educação vem avançando nas últimas décadas de forma exponencial, em especial com o advento da tecnologia. Trazendo à tona o conceito da Educação 4.0, uma educação voltada para uma sociedade inovadora e exponencial, instaurada em um ambiente profissional permeado pela rápida obsolescência do conhecimento e emergência acelerada de novos conhecimentos, repleta de profissionais empreendedores, pautada na emergência do conectivismo e da aprendizagem aberta e informal, promovendo a urgência da construção de um mix de formatos na educação formal, aprendizagem ativa, ágil, imersiva e adaptativa (FILATRO, 2019, p. 9 a 11).

Frente à essa nova realidade, os cursos e aulas precisam ser formatados com vistas a atender as demandas crescentes de atualização e construção de competências técnico-vivenciais, tendo como importante ferramenta, o Design Instrucional.

Segundo Filatro, “O Design Instrucional é o processo de identificar um problema de aprendizagem e desenhar, implementar e avaliar uma solução para esse problema.” (2019, p. 27). Com vistas a se adequar a esse contexto da educação 4.0, a autora propõe também uma atualização no conceito de Design Instrucional ao propor o DI 4.0 que consistem em: “Um processo intencional e sistemático de incorporar inovações às ações de analisar, projetar, desenvolver, implementar e avaliar soluções educacionais, tendo como premissa básica a centralidade na pessoa.” (2019, p. 51).

A complexidade do contexto educacional atual evoca a iminência de inovar nos formatos de aula e aprendizados, bem como perceber a diversidade que se apresenta em uma sala de aula, quando se fala em capacidade técnica versus capacidade vivencial.

É comum encontrar em uma mesma classe alunos que vão da alta capacidade técnica até a quase nenhuma capacidade nesse quesito, tendo por outro lado também que tenha altas habilidades práticas e outros que não possuem habilidade alguma. Esse cruzamento traz à tona uma matriz de percepção da turma evidenciando quatro grupos distintos em formação:

1. alunos com alta competência técnica e alta habilidade prática;
2. alunos com alta competência técnica e baixa habilidade prática;
3. alunos com baixa competência técnica e alta habilidade prática;
4. alunos com baixa competência técnica e baixa habilidade prática.

Essa diversidade de saberes técnico-vivenciais, evocam do professor a habilidade de construir conteúdos também diversos que possam contribuir de maneiras distintas com o desenvolvimento de competências para cada perfil de aluno.

Para atuar nesse contexto de forma diversa, é imprescindível a criatividade, exigindo dos professores que façam uso de processos criativos eficazes que permitam construir conteúdos profícuos para criativos e criadores.

Embora a criatividade seja algo natural do ser humano, a maior parte da população não utiliza seu potencial e muitos acreditam que não são suficientemente capazes de possuir ideias criativas. Geralmente, pessoas inovadoras possuem um perfil, ou seja, uma série de características que facilitam a abertura da mente para se obter novas ideias. (PINHEIRO; MARTIS; BARTH, 2015, p. 135).

O processo criativo apesar de complexo é composto por etapas simples, sendo que para sua formação “é necessário um problema, uma preparação, um trabalho mental e um resultado, seja ele satisfatório ou não nesse ponto do processo cognitivo” (PINHEIRO; MARTIS; BARTH, 2015, p. 138). Com isso, fica clara a importância e o envolvimento tanto da instituição de ensino quanto dos professores/instrutores para a construção de um ambiente em que a capacitação técnico-vivencial seja privilegiado, possibilitando que todos tenham a oportunidade de se desenvolver, fortalecendo sua bagagem profissional

Universidade Católica de Brasília

contribuindo também para o desenvolvimento do mercado, bem como da sociedade.

6. CAPACITAÇÃO TÉCNICO-VIVENCIAL PARA A INDÚSTRIA CRIATIVA COMPLEXA

Ao trazer a proposta de uma capacitação técnico-vivencial para a indústria criativa complexa, pretende-se ultrapassar a medida da simples formação por competências, mas abrindo uma proposta de capacitação dos profissionais com vivências reais que permitam aplicar as competências apreendidas em empresas reais como parte da formação, não na forma de um estágio, mas na forma de um desafio problema proposto por uma empresa real para os alunos daquela determinada linha de conhecimento, promovidas por parcerias colaborativas com empresas já consolidadas no mercado, em especial que atendam os domínios criativos mais internos do ecossistema de Economia Criativa.

Como exemplo dessa proposta, visualize um curso de gestão de eventos em que os alunos apreendem durante a formação todas as competências necessárias para se apresentarem como capacitados tecnicamente para trabalhar na produção de eventos. Os eventos estão localizados no domínio das indústrias criativas complexas, sendo utilizado para a produção de feiras, exposições, espetáculos, shows musicais, entre outros. É comum ouvir de empresários do ramo de eventos que os profissionais e empreendedores recém-formados não estão completamente capacitados para atuar na gestão de eventos, precisando de mais experiência para trazerem a segurança e confiança necessária para atuar nesse mercado.

Em parceria com empresas do mercado, será acrescentado à formação do profissional um módulo de capacitação técnico-vivencial que propõe um desafio de planejamento de um evento produzido individualmente ou em grupo que será avaliando, ajustado e aprovado pelo empresário com a possibilidade de implementação e atuação direta do profissional e demais alunos da turma na execução do trabalho. Essa execução será acompanhada pelo profissional

da empresa parceria que seguindo uma proposta metodológica cumprirá as etapas que permitam qualificar o profissional de forma técnico-vivencial.

As etapas que se seguem a esse estudo contemplam estruturar essa proposta de metodologia pedagógica que privilegie a formação técnico-vivencial, amparado nos conceitos de formação de competências e design instrucional, e no conceito de Ciclo de Aprendizagem Experiencial, proposto por David Kolb. Segundo Kolb apud Pimentel, aprendizagem experiencial é

o processo por onde o conhecimento é criado através da transformação da experiência. Esta definição enfatiza... que o conhecimento é um processo de transformação, sendo continuamente criado e recriado... A aprendizagem transforma a experiência tanto no seu caráter objetivo como no subjetivo... Para compreendermos aprendizagem, é necessário compreendermos a natureza do desenvolvimento, e vice-versa. (1984, p. 38 apud PIMENTEL, 2007, p. 160)

Partindo dessa visão, a experiência vivencial torna-se fundamental para o desenvolvimento. “As experiências de aprendizagem levam ao desenvolvimento por se dirigem a uma meta, um propósito específico de aprendizado” (PIMENTEL, 2007, p. 160).

Dentro da proposta de ciclo de aprendizagem experiencial, o autor propõe quatro modelos adaptativos de aprendizagem que conjugam apreensão e transformação: Experiência Concreta; Observação Reflexiva; Conceituação Abstrata; Experiência Ativa. Sendo esse último, o modelo adaptativo que mais se aproxima da proposta de capacitação técnico-vivencial, tendo em conta que trata-se

da repercussão das aprendizagens em experiências inéditas, num movimento voltado para o externo, de ação. Caracteriza-se por aplicação prática dos conhecimentos e processos de pensamento tornados refletidos, explicados e generalizados. A ação está centrada em relações interpessoais, com destaque à colaboração e ao trabalho em equipe (PIMENTEL, 2007, p. 163).

Os próximos passos para aprofundamento desse estudo, consistem em apresentar formas de construir o aprendizado vivencial para profissionais, baseando-se nessa metodologia aliando às parcerias colaborativas com empresários, criando um espaço para a experimentação vivencial, tendo em vista que essa experimentação é de suma importância para relacionar o

conhecimento técnico, a teoria, com a vivência, a prática, na busca de desenvolver o profissional de forma mais completa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama apresentado neste artigo traz à tona a importância da capacitação técnico-vivencial para os profissionais e empreendedores da indústria criativa complexa, mostrando a dificuldade que muitos empreendedores encontram para construir competências de forma equilibrada, com níveis de conhecimento técnico e de habilidade prático-vivências equânimes, permitindo uma formação mais fortalecida e pronta para atender às necessidades do mercado.

O artigo evidencia ainda a necessidade de um estudo mais aprofundado na busca de identificar boas práticas pedagógicas que possam contribuir para a construção de um design instrucional que privilegie o desenvolvimento técnico-vivencial de empreendedores da economia criativa na busca de alcançar melhores resultados. Em especial, para os grupos minoritários que sofrem com a exclusão e falta de acesso à capacitação de qualidade que permita acesso ao mercado de trabalho, gerando uma metodologia de formação que possa ser de fato considerado uma inovação social, e atuar como tal.

Certamente, os resultados desse estudo mais aprofundado contribuirão sobremaneira para o equilíbrio do mercado competitivo em que se situam as indústrias criativas complexas, na busca de atender de forma qualitativa às demandas dos círculos das atividades criativas primárias e das indústrias criativas.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, Márcio; BONACORCI, Ricardo. **Explosão da inovação: Aprenda e Inove de Forma Explosiva**. São Paulo: Setec Editora, 2011.

CANABRAVA, Tomasina. VIEIRA, Onízia de Fátima Assunção. **Treinamento e desenvolvimento – Para empresas que aprendem**. Brasília: Editora Senac-DF, 2014.

CARDIM, Patrícia; RODRIGUES, Flávia. **Empreendedorismo na Educação Superior: Como formar criativos na era digital**. In: A Arte de Empreender na Economia Criativa: pensar, compreender e agir. São Paulo: Editora Reflexão: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2019.

CUNHA, Yuri Lázaro de Oliveira Cunha. **Escolas de Negócios, empreendedorismo e o olhar par ao futuro**. In: A Arte de Empreender na Economia Criativa: pensar, compreender e agir. São Paulo: Editora Reflexão: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2019.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo Corporativo: Como ser empreendedor, inovar e se diferenciar na sua empresa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FARREL, Larry C. **Atitude Empreendedora**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

FILATRO, Andrea. **D.I. 4.0: Inovação em educação corporativa**. São Paulo: Saraiva Educação, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Gestão de Pessoas: Enfoque nos papéis profissionais**. São Paulo: Atlas, 2014.

GUINDANI, Joel Felipe; SILVA, Marcela Guimarães e. **Comunicação e Indústria Criativa: políticas, teorias e estratégias**. Jaguarão, RS: CLAEC, 2018.

HOOKS, bel. **Ensinando Comunidade: Uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

KIELING, Alexandre; DRAVET, Florence; MOTTER, Clarissa; BESSA, Leandro. **Panorama da Economia Criativa – DF. Relatório 1 e 2**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2023.

LORUSSO, Silvio. **Emprecariado: Todo mundo é empreendedor. Ninguém está a salvo**. São Paulo: Clube do Livro do Design, 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

MEC. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 5 DE JANEIRO DE 2021. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília: MEC, 2021. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=167931-rcp001-21&category_slug=janeiro-2021-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25/08/2024.

NUNES, Simone Costa; BARBOSA, Allan Claudius Queiroz. **Formação baseada em competências? um estudo em cursos de graduação em administração**. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ram/a/7yBjP6CLCpHVSwfNTt9sPdP/>. Acesso em: 28/06/2024.

OLIVEIRA, Leia Rabelo. **A arte de empreender na Economia Criativa: pensar, compreender e agir**. São Paulo: Editora Reflexão, 2019.

OSTERWALDER, Alexander; PIGNEUR, Yves. **Business Model Generation – Inovação em modelos de negócios**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.

PATIAS, Tiago; SANTOS, Arthur Humbelino Gonçalves dos. **Inovação Social**. Santa Maria: Incubadora Social da UFSM, 2022.

PILETTI, Nelson. **Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo**. São Paul: Contexto, 2013.

PIMENTEL, Alessandra. **A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional.** Estudos de Psicologia 2007, 12(2), p. 159-168. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/rWD86DC4gfC5JKHTR7BSf3j/?format=pdf> . Acesso em: 25/08/2024.

PINHEIRO, Cristiano Max Pereira; MARTINS, Francisco Eduardo Menezes; BARTH, Maurício. **Criatividade, processo e economia criativa: Conceitos, discussões, apontamentos.** Revista Comunicação & Inovação. São Paulo: USCS, 2015.

RAMOS, Marise Nogueira. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação.** São Paulo: Cortez, 2006.

ROPÉ, F.; TANGUY, L. SABERES E COMPETÊNCIAS. O USO DE TAIS NOÇÕES NA ESCOLA E NA EMPRESA. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 4, p. 207–208, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9106>. Acesso em: 1 jul. 2024.

TECHNICAL AND EXPERIENCE TRAINING FOR THE COMPLEX CREATIVE INDUSTRY: POSSIBILITIES FOR THE DEVELOPMENT AND TRAINING OF ENTREPRENEURS IN THE CREATIVE ECONOMY ENHANCED SOCIAL INNOVATION IN THE DF.

ABSTRACT

This article highlights a latent need among entrepreneurs in the Creative Economy of the Federal District, who report the difficulty of finding qualified and diverse labor within the city's complex creative industry circle. On the other hand, the Federal District has a high number of companies in this circle, which is composed of the largest number of agents, according to the “Panorama da Economia Criativa” survey. As it is the largest group of active links linked to the Creative Economy, it ends up having a very diverse workforce, but one that does not fully meet the creative activities of the central circles with quality. Faced with this problem, the question arises: How can we train audiovisual entrepreneurs in the Complex Creative Industry by combining technical training and practical experiences, forming more complete professionals for the areas of the creative industries in the Federal District? In this context, the importance of promoting the socio-professional inclusion of this vast number of entrepreneurs in the Complex Creative Industry of the Federal District through technical-experiential training becomes evident. The opportunity then arises to conduct an in-depth study of the state of the art of instructional design combined with executive training to highlight paths that can be formatted to meet this demand.

Keywords: Creative Economy. Complex Creative Industry. Entrepreneurship. Technical-experiential Training. Instructional Design.

Universidade Católica de Brasília

Mestrado Profissional Inovação em Comunicação e Economia Criativa

**FORMACIÓN TÉCNICA Y DE EXPERIENCIA
PARA LA INDUSTRIA CREATIVA COMPLEJA:
POSIBILIDADES PARA EL DESARROLLO Y FORMACIÓN DE
EMPRENDEDORES EN LA ECONOMÍA CREATIVA MEJORADA LA
INNOVACIÓN SOCIAL EN EL DF.**

RESUMEN

Este artículo saca a la luz una necesidad latente de los emprendedores de la Economía Creativa del DF, quienes reportan la dificultad de encontrar mano de obra calificada y diversa dentro del círculo de la compleja industria creativa de la ciudad. Por otro lado, el DF muestra un elevado número de empresas en este círculo, el cual está conformado por la mayor cantidad de agentes, según la encuesta “Panorama de la Economía Creativa”. Al tratarse del mayor grupo de eslabones activos vinculados a la Economía Creativa, acaba contando con una plantilla muy diversa, pero que no presta un servicio completo y de calidad a las actividades creativas de los círculos centrales. Ante esta problemática surge la pregunta: ¿Cómo formar emprendedores audiovisuales en la Industria Creativa Compleja, combinando formación técnica y experiencias prácticas, formando profesionales más completos para las áreas de industrias creativas en el DF? En este contexto, se evidencia la importancia de promover la inclusión socioprofesional de este gran número de emprendedores en la Industria Creativa Compleja del DF a través de una formación técnica y experiencial. Entonces surge la oportunidad de llevar a cabo un estudio en profundidad del estado del arte del diseño instruccional combinado con capacitación ejecutiva para resaltar formas que pueden formatearse para satisfacer esta demanda.

Palabras clave: Economía Creativa. Industria creativa compleja. Emprendimiento. Formación técnico-vivencial. Diseño instruccional.